

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Last Star*

Autor: *Rick Yancey*

Copyright © 2016 by Rick Yancey

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa © Allied Integrated Marketing

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Depósito legal n.º 420 535/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a Sandy*  
*«O mundo acaba. O mundo renasce.»*

Que ninguém desespere,  
ainda que na noite mais escura  
desapareça a última estrela de esperança.

*Christoph Martin Wieland*

## ÍNDICE

A Rapariga Que Sabia Voar.....	13
I – O Primeiro Dia.....	27
II – O Segundo Dia .....	63
III – O Terceiro Dia .....	123
IV – O Último Dia .....	183
Marble Falls .....	267

## A RAPARIGA QUE SABIA VOAR

Há muito tempo, tinha o pai dela dez anos, levaram-no ao planetário num grande autocarro amarelo.

Lá, o teto explodiu num milhão de estilhaços de luz cintilante. Ele ficou boquiaberto. Os seus dedinhos apertaram o rebordo da bancada de madeira. Por cima da cabeça dele iam rodopiando pontinhos de um fogo branco tão puro como a Terra no dia em que surgiu — quando não era mais do que uma rocha negra e toda esburacada, apenas mais um planeta igual aos outros, na órbita de uma estrela igual às outras, na orla de uma galáxia igual às outras num universo infinito.

*O Papagaio de Papel. Oríon. A Ursa Maior.* A voz monocórdica e arrastada do astrónomo. As crianças todas de rosto voltado para o teto, boquiabertas, a olharem sem pestanejar. E ele a sentir-se infinitamente pequeno sob a vastidão daquele céu artificial.

Jamais esqueceu aquele dia.

Anos depois, ainda muito pequenina, a sua filha corria para ele, as perninhas rechonchudas e pouco firmes, os bracinhos já fortes erguidos para ele, os olhos brilhantes de alegria e expectativa, e gritava: *Papá, papá!*, os dedinhos sapudos muito abertos a quererem agarrá-lo, a quererem agarrar o céu.

E ela saltava, um salto no vazio, mas sem medo, porque ele não era apenas o seu pai — era o *papá*. E apanhá-la-ia; jamais a deixaria cair.

E ela gritava: *Voa, papá, voa!*

E subia como um foguete rumo à imensidão do céu sem limites, de braços abertos para agarrar o infinito e com a cabeça para trás, a

chegar rapidamente àquele ponto onde terror e êxtase se confundem, os seus guinchinhos como que uma depuração da alegria de se ver livre e sem peso, de se sentir segura nos braços dele — a alegria de estar viva.

*Cassiopeia.*

Logo naquele dia no planetário, faltavam ainda quinze anos para a filha nascer, ele soube, sem margem para dúvidas, como se chamaria ela.

1

«EU FAÇO-LHE COMPANHIA»

*Este é o meu corpo.*

Na câmara mais subterrânea das grutas, o padre ergue o último pedaço de pão — a reserva esgotou-se — para as saliências na rocha, que o fazem pensar na bocarra de um dragão imobilizada num rugido; são como presas reluzentes, que a lâmpada tinge de vermelho e amarelo.

Pelas mãos dele, a catástrofe do sacrifício divino.

*Tomai, todos, e comei...*

Depois, o cálice, com as últimas gotas de vinho que restavam.

*Tomai, todos, e bebei...*

Uma meia-noite no final de novembro. Ali nas grutas subterrâneas, o pequeno grupo de sobreviventes manter-se-á abrigado e escondido. Têm mantimentos para se aguentarem até à primavera. Há meses que a peste não mata ninguém. Tudo indica que o pior já passou. Ali estão em segurança, em perfeita segurança.

*Alimentados nestes gloriosos mistérios...*

O seu murmurar ecoa nas profundezas. Sobe pelas paredes húmidas e escapole-se pela passagem estreita que leva às câmaras superiores, onde os seus irmãos refugiados se deixaram cair num sono inquieto.

*Nós Vos damos graças, Senhor...*

Acabou-se o pão, acabou-se o vinho. Será a última vez que ele dá a comunhão.

*Porque, vivendo ainda na terra...*

O pequeno pedaço de pão duro amolece-lhe na língua.

*Nos fazeis participantes dos bens do Céu.*

As poucas gotas de vinho azedo ardem-lhe na garganta.

Deus na sua boca. Deus no seu estômago vazio.

O padre chora.

Verte umas quantas gotas de água no cálice. Treme-lhe a mão. Bebe o precioso sangue misturado com água e depois limpa o cálice com o sanguinho.

Acabou. Não mais haverá o sacrifício de Cristo. Limpa as faces com a mesma pequena toalha branca com que limpou o cálice. As lágrimas do homem e o sangue de Deus, inseparáveis. Nada há de novo nisso.

Limpa a patena com a toalha branca, que depois enfia no cálice, que afasta para o lado. Tira a estola verde, dobra-a com cuidado e beija-a. Gostou de tudo no ofício de padre — da missa, acima de tudo.

Húmida do suor e das lágrimas, a gola está-lhe larga; perdeu quase sete quilos desde a chegada da peste, quando abandonou a sua paróquia para fazer os mais de cento e cinquenta quilômetros até às grutas a norte de Urbana. Pelo caminho, foi ganhando muitos seguidores — ao todo, mais de cinquenta, embora trinta e dois tenham morrido infetados antes de chegarem às grutas e ficarem a salvo. Quando chegava a hora da morte de cada um deles, ele dizia as palavras do ritual, não importava que o doente fosse católico, protestante ou judeu: *O Corpo de Cristo...* Com o polegar, fazia-lhe o sinal da cruz na testa a arder de febre. *O Senhor te guarde e te conduza à vida eterna...*

O sangue que lhes corria dos olhos misturava-se com o óleo com que ele lhes ungia as pálpebras. Enquanto isso, o fumo voluteava pelos campos a céu aberto, adensava-se pelo meio do arvoredo e recobria as estradas, tal como o gelo recobre os rios lânguidos no coração do inverno. Incêndios em Columbus. Incêndios em Springfield e Dayton. Em Huber Heights, Londres e Fairborn. Em Franklin, Middletown e Xenia. À noitinha, a luz de mil incêndios tingia o fumo de laranja-escuro e o céu ficava-lhes tão-só um palmo acima da cabeça. Num passo arrastado, o padre percorria aquele cenário em combustão lenta, uma mão estendida, a outra a cobrir boca e nariz com um trapo, lágrimas de protesto a correrem-lhe pelas faces. Sangue a formar crosta sob as unhas partidas, sangue seco entranhado nas linhas das mãos e na planta dos pés. *Falta pouco*, dizia ele, tentando encorajar os com-



panheiros. *Não desistam*. Algures pelo caminho, alguém começou a chamar-lhe padre Moisés, porque ele estava a resgatar o seu povo das trevas — o fumo e o fogo —, para o conduzir à Terra Prometida — «As grutas mais coloridas do Ohio!».

Quando lá chegaram, foram recebidos por outros que já lá estavam, claro. O padre já contava com isso. Uma gruta não arde. Protege do mau tempo. E, acima de tudo, é fácil de defender. A seguir à Chegada, as grutas tinham-se tornado nos lugares mais procurados, ultrapassadas apenas por bases militares e edifícios governamentais.

Havia provisões — água, enlatados, cobertores, ligaduras e medicamentos. E armas, naturalmente — espingardas, pistolas, caçadeiras e muitas facas. Os doentes ficaram de quarentena no centro de visitantes lá fora; instalaram-nos em camas de campismo abertas por entre os expositores cheios de recordações e, diariamente, o padre visitava-os, conversava com eles, rezava com eles, ouvia-os em confissão, dava-lhes a comunhão e sussurrava-lhes o que eles queriam ouvir: *Per sacrosancta humanae reparationis mysteria... Pelo sagrado mistério da salvação do homem...*

Morreram centenas até o tempo das mortes chegar ao fim. Abriram uma vala do lado sul do centro de visitantes; tinha três metros de largura e dez de profundidade e era ali que queimavam os corpos — ardiam a fogo lento noite e dia e o cheiro a carne queimada tornou-se tão banal que já ninguém dava por isso.

Agora já é novembro e, na câmara mais subterrânea ali nas grutas, o padre põe-se de pé. Não é alto, mas, ainda assim, tem de se agachar para não bater com a cabeça no teto ou contra os afiados dentes de pedra que descem do céu da boca do dragão.

*Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.*

Deixa ali o cálice, o sanguinho, a patena e a estola. Agora são relíquias, artefactos de uma era que vai desaparecendo no passado à velocidade da luz. *Começámos por ser homens das cavernas*, pensa o padre, agora a caminho da superfície, e *às cavernas regressámos*.

Até mesmo a mais longa viagem é circular e a história acabará sempre por regressar à casa de partida. Já diz o missal: «Lembra-te de que és pó e ao pó hás de voltar.»

E, como um mergulhador que bate os pés de regresso à superfície, o padre continua a subir rumo à cintilante cúpula celeste.

O chão inclinado da passagem estreita que zigzagueia suavemente por entre paredes de rocha lacrimante é liso como uma pista de *bowling*. Não há muitos meses, crianças em visita de estudo des-

ciam por ali em fila indiana, os seus dedos a deslizarem pela parede de rocha enquanto os seus olhos perscrutavam as fendas sombrias, à procura de monstros. Ainda tinham idade para acreditar em monstros.

E, como um monstro marinho, o padre continua a subir das profundezas sem luz.

A caminho da superfície, passa pelo Sofá do Homem das Cavernas e pelo Rei de Cristal, depois entra na Sala Grande — a câmara onde os refugiados costumam estar —, até que, finalmente, chega ao Palácio dos Deuses, a sua área favorita ali nas grutas, onde formações cristalinas brilham como estilhaços de luar preservados no gelo e o teto ondula sensualmente como ondas a enrolarem na direção da praia. Ali, mais perto da superfície, o ar fica menos denso e mais seco e sentem-se laivos do fumo dos incêndios ainda a consumir o mundo que eles abandonaram.

*Senhor, abençoa estas cinzas pelas quais reconhecemos que somos pó.*

Ocorrem-lhe excertos de orações. Fragmentos de hinos. Ladainhas, bênçãos e as palavras da absolvição: *Deus te conceda o perdão e a paz e eu te absolvo dos teus pecados...* E da Bíblia: «Desci até à raiz das montanhas, descí à terra que tem o portão trancado para sempre.»

Incenso a queimar no turíbulo. A luz suave da primavera estilhaçada nos vitrais. Ao domingo, os bancos corridos a rangerem como o casco de uma velha embarcação em alto-mar. O compasso solene das estações do ano, o calendário por que ele sempre se regeu, logo desde a infância: Advento, Natal, Quaresma, Páscoa. Ele sabe que amou as coisas erradas, os rituais e tradições, precisamente toda a pompa e ostentação idiota que os não crentes criticam. Ele adorou a forma e não a substância, o pão em vez do corpo.

O que não fez dele um mau padre. Foi sempre discreto, humilde e fiel à sua vocação. Gostava de ajudar o próximo. Aquelas semanas ali nas grutas foram das mais gratificantes da sua vida. O sofrimento traz Deus onde Ele realmente pertence, à manjedoura de terror, confusão, dor e luto onde Ele nasceu. *Se o sofrimento é a coroa*, pensa o padre, *Ele é a cara*.

Há um vigia sentado junto à saída por cima do Palácio dos Deuses, a sua figura corpulenta recortada em silhueta sobre um fundo salpicado de estrelas. O céu está limpo; foi varrido pela nortada — um presságio do inverno. O homem tem um boné de basebol a esconder-lhe a testa e veste um blusão de couro já muito coçado. Segura uns binóculos e tem uma espingarda no colo.

Saúda o padre com um aceno.

— Não traz casaco, padre? A noite está fria.

O padre sorri com ligeira tristeza.

— Infelizmente, emprestei-o à Agatha. — O vigia responde-lhe com um resmungo solidário. Agatha é a eterna queixosa do grupo; ora é frio, ora é fome, mas há sempre *qualquer coisa*. Leva os binóculos aos olhos e perscruta o céu. — Viste mais? — pergunta-lhe o padre. Foi há uma semana que avistaram o primeiro objeto voador; era cinza-escuro e parecia um charuto. Ficou a pairar sobre as grutas durante vários minutos, até que, sem ruído, subiu disparado na vertical até não ser mais do que um pontinho, uma picadela no imenso azul. Dois dias mais tarde, apareceu um segundo (ou talvez fosse o mesmo); em silêncio, ficou a planar lá no alto, até que mergulhou no horizonte. Nenhum dos refugiados ali nas grutas teve dúvidas quanto à origem desses estranhos aparelhos voadores; de origem terrestre, não eram. O que os assustava era o mistério quanto ao seu objetivo.

O vigia baixa os binóculos e esfrega os olhos.

— Qual é o problema, padre? Não consegue dormir?

— Oh, hoje em dia quase não durmo — responde o padre. Depois acrescenta: — O serviço é tanto... — Não quer que aquele homem pense que ele se está a queixar.

— «Não há ateus nas trincheiras.» — Aquele lugar-comum fica a pairar entre eles como um mau cheiro.

— Nem nas grutas — replica o padre. Desde que se apresentaram que ele anda a tentar conhecer melhor este homem, mas o tipo é como um quarto fechado, a porta bem trancada pela raiva, pelo desgosto e por aquele medo desesperado típico dos que, embora vivos, sabem que não lhes resta muito tempo. Desde há meses que não há como fugir à evidência. Para uns, a morte é a parteira da fé; para outros, é o seu algoz.

O homem tira as pastilhas elásticas do bolso do peito, remove meticulosamente o invólucro de uma e leva-a à boca, dobrando-a com a língua. Conta as que lhe restam e torna a guardá-las no bolso. Não oferece uma ao padre.

— Não tenho mais — diz, em jeito de explicação. Sentado na pedra fria, muda de posição.

— Eu entendo — responde o padre.

— A sério? — O vigia vai mastigando, o maxilar a mover-se num ritmo hipnótico. — A sério que entende?

O pão seco, o vinho azedo — ainda sente o sabor na língua. Poderia ter partido aquele pedaço de pão; poderia ter feito o vinho dar para mais vezes. Se celebrou a missa sozinho, foi porque quis.